



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE TOCANTINÓPOLIS
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

MILLENA SILVA RAMOS

**DA INSPIRAÇÃO À PROFISSÃO: COMPREENDENDO O PROCESSO DE
CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA FEMININA NA EDUCAÇÃO FÍSICA**

**TOCANTINÓPOLIS -TO
2022**

MILLENA SILVA RAMOS

**DA INSPIRAÇÃO À PROFISSÃO: COMPREENDENDO O PROCESSO DE
CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA FEMININA NA EDUCAÇÃO FÍSICA**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Campus Universitário de Tocantinópolis para obtenção do título de licenciado em Educação Física

Orientador (a): Prof. Dr. Adriano Lopes de Souza

**TOCANTINÓPOLIS -TO
2022**

<https://sistemas.uft.edu.br/ficha/>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

RI75d RAMOS, MILLENA SILVA.

DA INSPIRAÇÃO À PROFISSÃO: COMPREENDENDO O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA FEMININA NA EDUCAÇÃO FÍSICA. / MILLENA SILVA RAMOS. – Tocantinópolis, TO, 2022.

41 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Tocantinópolis - Curso de Educação Física, 2022.

Orientador: PROF. DR. ADRIANO LOPES DE SOUZA

1. Docência feminina. 2. Educação Física escolar. 3. Mercado de trabalho. 4. Relações de gênero. I. Título

CDD 796

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

MILLENA SILVA RAMOS

**DA INSPIRAÇÃO À PROFISSÃO: COMPREENDENDO O PROCESSO DE
CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA FEMININA NA EDUCAÇÃO FÍSICA**

Monografia apresentada à UFNT – Universidade Federal do Norte do Tocantins – Campus Universitário de Tocantinópolis, Curso de Licenciatura em Educação Física foi avaliado para a obtenção do título de licenciado em Educação Física e aprovada (o) em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: ____ / ____ / ____

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Carliene Freitas da Silva Bernardes, UFT

Prof. Dr. Mayrhon José Abrantes Farias, UFT

Dedico este trabalho a todas as mulheres que vieram antes de mim e a todas as que irão vir. Que estas e a sociedade possam se inspirar e tomar consciência de que a mulher pode existir como bem quer.

AGRADECIMENTOS

Ao final desse trabalho, não poderia deixar de agradecer às pessoas que estiveram ao meu lado nessa caminhada.

Primeiramente agradeço a Deus, por ter me sustentado até aqui e me dado forças para poder enfrentar os desafios dessa trajetória que de certa forma se fez árdua. Às forças superiores que me mantiveram de pé durante esse processo e que me guiaram até aqui e durante a caminhada me fizeram ter mais convicção do que quero.

Ao meu querido orientador Prof. Dr. Adriano Lopes de Souza, pelo seu profissionalismo, paciência, carinho e principalmente por ter me apresentado novas possibilidades de pesquisar e compreender o gênero e suas relações na área da Educação Física.

A minha mãe que é a pessoa que mais admiro nessa vida e o meu maior exemplo de superação, que sempre acreditou no meu potencial e que foi o motivo pelo qual eu não desisti de lutar por essa realização pessoal e profissional e é a quem eu quero ser o motivo de muito orgulho.

Agradeço também aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desse trabalho, bem como a professora entrevistada e também àqueles que sempre me deram força para que eu concluísse essa jornada.

E por último e não menos importante, agradeço as minhas ancestrais que abriram caminho para que eu como mulher pudesse estar aqui exatamente onde quero, através de suas lutas e conquistas ao longo desse histórico processo pela liberdade feminina.

RESUMO

Este estudo tem por objetivo compreender o processo de construção da docência feminina na Educação Física escolar, a partir da trajetória de uma professora do município de Tocantinópolis-TO, uma vez, que o processo de inserção da mulher no mercado de trabalho foi solidificando-se através de muitas lutas e resistência feminina. Neste, a Educação Física era vista como uma área nas suas diversas dimensões masculinizada e hierarquizada em relação as manifestações corporais a partir das práticas de Ginástica e do processo de esportivização, reverberando no corpo docente majoritariamente masculino. A pesquisa possui características de um estudo de caso, com caráter exploratório e uma abordagem qualitativa, onde as informações obtidas não podem ser quantificadas e os dados obtidos são analisados de forma indutiva, utilizando como ferramenta para a coleta de dados a entrevista semi-estruturada. Ao longo da pesquisa foram analisados os dados coletados de acordo com a compreensão e o conhecimento adquirido sobre o processo de construção da docência feminina, relacionando os relatos da entrevistada com a abordagem teórica. Através deste estudo concluiu-se que a identidade docente constrói-se a partir de anseios pessoais e profissionais e que os ciclos e fases interferem no desenvolvimento profissional em relação a carreira docente, de modo, que a trajetória profissional se faz a partir de vivências que possuem fatores que influenciam direta ou indiretamente neste processo, sendo assim, a docência em Educação Física escolar em sua área ampla permite a partir desta perspectiva a possibilidade de práticas pedagógicas dentro da disciplina problematizar processos históricos e suas representações presentes no contexto escolar, além, de construir valores no âmbito profissional. No entanto, apesar dos avanços nas lutas pela ocupação de espaços pelo público feminino, a desigualdade de gênero ainda existe em vários âmbitos, o que pode se observar ao longo desta pesquisa. Ainda se faz necessário mais estudos aprofundados sobre a temática de relações de gênero especificamente na Educação Física escolar, evidenciando os avanços nas lutas femininas e a desconstrução de estereótipos de masculinidade e feminilidade, desse modo, podendo reafirmar que a mulher pode existir como ela bem quiser.

PALAVRAS-CHAVE: Docência feminina. Educação Física escolar. Mercado de trabalho. Relações de gênero.

ABSTRACT

This study aims to understand the process of construction of female teaching in school Physical Education, from the trajectory of a teacher from the city of Tocantinópolis-TO, since the process of insertion of women in the labor market was solidifying through many struggles and female resistance. In this, Physical Education was seen as an area in its various masculinized and hierarchical dimensions in relation to bodily manifestations from the practices of Gymnastics and the process of sportivization, reverberating in the mostly male faculty. The research has characteristics of a case study, with an exploratory character and a qualitative approach, where the information obtained cannot be quantified and the data obtained are analyzed inductively, using the semi-structured interview as a tool for data collection. During the research, the data collected were analyzed according to the understanding and knowledge acquired about the process of construction of female teaching, relating the interviewee's reports with the theoretical approach. Through this study it was concluded that the teaching identity is built from personal and professional aspirations and that the cycles and phases interfere in the professional development in relation to the teaching career, so that the professional trajectory is made from experiences that have factors that directly or indirectly influence this process, thus, teaching Physical Education in schools in its broad area allows, from this perspective, the possibility of pedagogical practices within the discipline to problematize historical processes and their representations present in the school context, in addition to build values in the professional field. However, despite the advances in the struggles for the occupation of spaces by the female public, gender inequality still exists in several areas, which can be observed throughout this research. More in-depth studies are still needed on the subject of gender relations specifically in school Physical Education, highlighting the advances in female struggles and the deconstruction of stereotypes of masculinity and femininity, thus being able to reaffirm that women can exist as they wish.

KEYWORDS: Female teaching. School Physical Education. Job market. Gender relations.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	4
2 OBJETIVOS	5
2.1 Objetivo Geral	5
2.2 Objetivos Específicos	5
3 JUSTIFICATIVA	6
4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	6
4.1 Breve contexto histórico sobre a inserção da Mulher no Mercado de trabalho	7
4.2 A feminização do Magistério	9
4.3 Questões de gênero na EF escolar	10
4.3.1 Relacionando a docência da Educação Física escolar e a dominação masculina	11
5 MÉTODO DE PESQUISA	12
5.1 Tipo de pesquisa	13
5.2 Instrumentos/Técnicas de coleta	13
5.3 Procedimentos de Coleta dos dados	13
5.4 Procedimentos de Análise dos dados	14
6 RESULTADOS E ANÁLISES	14
6.1 Escolhendo sua própria direção: a mulher escrevendo a sua própria história	15
6.2 “Pronto, eu vou ter que ser professora”: da inspiração para a profissão	16
6.3 Construção da identidade docente na Educação Física Escolar	18
6.4 Superando as expectativas	20
6.5 Entre a escolha profissional e a desigualdade de gênero na Educação Física em questão	22
6.6 Para além da profissão, a construção de valores se faz importante	24
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	28
APÊNDICES	32
APÊNDICE A - Carta de Anuência	33
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido UFT (2016)	34
APÊNDICE C – Roteiro de entrevista	35

1 INTRODUÇÃO

A discussão que envolve as relações de gênero em nossa conjuntura social tem sido objeto de vários estudos, em especial, no que se refere à inserção e permanência da mulher no mercado de trabalho (LINHARES; LAVINAS, 1997; SCHLICKMANN; PIZARRO, 2003). Ora, o interesse por estudar tal tema perpassa pelas mudanças que vêm ocorrendo em larga escala, nas quais a mulher vem ganhando um maior protagonismo e/ou empoderamento, caracterizados pelas lutas em favor do reconhecimento e atendimento dos seus direitos (FERRARI, 2016).

Sabe-se que o processo de inserção da mulher no mercado de trabalho envolve muitas lutas, numa busca árdua e contínua pela conquista do seu espaço, pois, esta tem de lidar o tempo todo com as “diferenças sexuais” ditadas pela sociedade, impondo assim diferentes valores sobre ela. A forte intenção de produzir hierarquias que sustentam relações desiguais e de dominação no âmbito das relações sociais de gênero e na sua articulação com classe, raça, etnia e geração, sobre as diferenças entre homens e mulheres, são as explicações que nossa sociedade busca para enfatizar e problematizar o conceito de gênero e inserir tais explicações em outras dimensões sobre a temática como forma de justificar as desigualdades sociais (VIANNA, 2013).

Historicamente, as mulheres eram inferiorizadas em relação ao mercado de trabalho quando se tratava de cargos elevados com uma boa remuneração, mesmo com um nível de escolaridade maior que os dos homens ou tendo cursado nível superior. O empregador com o intuito de obter lucro de melhor custo-benefício, oferecia salários baixos e incompatíveis com as atividades exercidas às mulheres, estabelecendo, assim, que os primeiros contratos das mulheres no mercado de trabalho fossem discriminatórios, dispondo de uma remuneração 40% menor que aquela atribuída aos homens no mesmo cargo/função e com a mesma escolaridade (RIBEIRO; JESUS, 2018).

Com a luta das mulheres para se estabelecerem profissionalmente, ocorreu um processo conhecido como feminização, caracterizando um nicho no mercado de trabalho ocupado por mulheres. Tal processo pode ser identificado mais claramente na Educação Básica, uma vez que, do ponto de vista da composição sexual do professorado, foi apontada pelo primeiro Censo do Professor que 14,1% da categoria era formada por homens e 85,7% por mulheres (VIANNA, 2013), denotando, neste caso, uma predominância do público feminino no magistério.

De fato, o magistério foi uma das saídas para as mulheres exercerem o direito de tarefas relacionadas à vida pública, tendo em vista, que elas eram destinadas a cuidarem do lar e exercerem atividades somente da vida privada, ao mesmo tempo que passavam da liberdade econômica e social, sendo notadas na sociedade. Tal profissão também foi vista como feminina, por conta de que a mulher era destinada a exercer o papel feminino da maternidade e cuidados relativos à família, dando a ela a responsabilidade de guiar a infância e moralizar os bons costumes dos alunos (DORNELAS; PORTO, 2016).

Observa-se que esse processo de feminização do magistério onde historicamente há a predominância do público feminino está diretamente relacionado às questões de gênero, nas diferenciações de um sexo e outro, ou seja, entre feminino e masculino. Em nossa sociedade essas diferenças são solidificadas com o intuito de produzir hierarquias que perpetuem relações desiguais e de domínio em contextos específicos das relações sociais de gênero e na sua articulação com classe, raça e etnia (VIANNA, 2013).

Com efeito, embora a temática de gênero venha sendo alvo de diferentes estudos, ainda há poucas pesquisas relacionando-a com à inserção da mulher no mercado de trabalho em relação à docência nesta área. Portanto, tornam-se necessárias pesquisas mais aprofundadas que dialogam e conectam tais assuntos para entender como se deu a inserção e a permanência da mulher na docência da Educação Física. Assim, tendo em vista tal lacuna, aliada à significativa feminização em relação às profissionais atuantes no magistério, emerge a nossa questão norteadora: como ocorre o processo de construção da docência feminina na Educação Física escolar?

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

- Compreender o processo de construção da docência feminina na Educação Física escolar.

2.2 Objetivos Específicos

- Conhecer como se dá a escolha da mulher pela docência em Educação Física;
- Descrever os possíveis desafios enfrentados pela professora de Educação Física neste espaço;

- Refletir acerca do papel da professora desta disciplina enquanto referência valorativa para os alunos.

3 JUSTIFICATIVA

Trata-se de um estudo que se justifica pela importância de dar visibilidade para as dificuldades e os desafios enfrentados pelas mulheres no mercado de trabalho, considerando os obstáculos superados diariamente que ainda existem em relação aos conceitos da sociedade impostos à mulher, mais especificamente, na Educação Física escolar, representando, assim, uma motivação pessoal para realização desta pesquisa.

Com efeito, a necessidade de aprofundar os conhecimentos sobre a Educação Física escolar de acordo com a atuação da mulher no mercado de trabalho, expondo os avanços ou retrocessos diante do histórico da feminização do magistério ajuda a justificar a relevância deste estudo. Ora, se atualmente há avanços na luta feminina pelo seu reconhecimento na sociedade, é importante verificar como esse processo ocorre na Educação Física escolar. Assim, exaltando o significativo papel da mulher em todas as dimensões, onde a mesma é inferiorizada, e desconstruir a ideia de hierarquização de gêneros, buscando demonstrar que a competência profissional independe da composição sexual.

Esta pesquisa pode servir como referencial, proporcionando reflexões acerca da referida temática, subsidiando àqueles que pretendem fazer pesquisas com a mesma linha no local. De maneira mais objetiva, poderá contribuir diretamente para (re)pensarmos a realidade do município de Tocantinópolis-TO sobre a mulher no mercado de trabalho em relação a sua inserção e permanência, bem como para que o nosso sujeito de pesquisa reflita acerca do seu valor histórico a partir dos dados colhidos, especialmente, no que tange a sua docência feminina na Educação Física escolar da cidade.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção serão apresentados um breve histórico de como se deu a inserção da mulher no mercado de trabalho, o processo de feminização do magistério e a discussão acerca das relações de gênero no âmbito da educação, especificando a docência feminina na área da Educação Física escolar, buscando compreender tal processo e os desafios enfrentados

respectivamente. E a partir desta discussão teórica, convidar o leitor para uma reflexão e até mesmo comparação acerca da temática levando em consideração a nossa atual conjuntura e contexto social ao qual nos encontramos.

4.1 Breve contexto histórico sobre a inserção da Mulher no Mercado de trabalho

A inserção da mulher no mercado de trabalho teve início nas sociedades industriais nos séculos XVIII e XIX com o trabalho fabril. Desse modo, as mesmas tinham um trabalho remunerado e fora do lar além de seu antigo trabalho doméstico. Antes disso, porém, a sociedade vivia sob um modelo patriarcal onde as funções da mulher eram reproduzir e cuidar da casa com seus afazeres domésticos, não sendo permitido que estudassem e nem que trabalhassem para ganhar dinheiro. Assim, a mulher que visasse ser bem sucedida profissionalmente e que fosse educada para trabalhar era mal vista pela sociedade. As ocupações atribuídas pela sociedade para as poucas que trabalhavam eram de cunho doméstico, como por exemplo, fazer bordados, preparar alimentos e doces por encomenda e outras tarefas manuais que eram pouco valorizadas – essas mulheres geralmente eram as viúvas que precisavam sustentar a si e aos filhos, pois eram de classes economicamente menos favorecidas (ESPINDOLA, 2011).

No século XIX, houve a consolidação do capitalismo e atrelado a ele o avanço do desenvolvimento tecnológico e a intensificação do crescimento da maquinaria, o que levou a várias mudanças em relação ao mercado de trabalho. Com o aumento da produção, as mulheres começaram a ser convocadas para substituir os homens, embora com salários menores, acarretando a insatisfação das mulheres e levando ao surgimento das lutas femininas no século XIX, cujas reivindicações perpassavam pelos direitos trabalhistas, igualdade de jornadas de trabalho, direito ao voto, além de melhores condições de trabalho (ESPINDOLA, 2011; PROBST, 2012).

Não obstante, pode-se articular que esse processo de inserção da mulher no mercado de trabalho veio ganhar maior notoriedade no século XX, com a culminância da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Ora, como foi um longo período de guerra, vários homens foram perdidos e ao término da mesma as indústrias precisavam continuar funcionando, mas, já não existia força de trabalho. Então, foi inevitável que se impedisse a mulher de entrar para o mercado de trabalho sendo necessário adaptá-las, e assim, as mesmas começaram a assumir a posição dos homens nos cargos já existentes, responsabilizando-se pelos negócios da família

(SCHLICKMANN; PIZARRO, 2003; SERPA, 2010; PROBST, 2012), porém, ainda com salários incompatíveis aos dos homens.

A elevação das expectativas com o aumento do consumo de novos produtos oriundos da industrialização e a procura de uma complementação da renda familiar foi outro fator que contribuiu para a crescente inserção feminina na “divisão social do trabalho” no Brasil, a partir de 1970, representando uma das mais marcantes transformações do país (PINTO, 2007; RIBEIRO; JESUS, 2018). Mas, ainda assim, as mulheres continuaram enfrentando diversas barreiras diante do sistema ao longo do tempo, por meio de lutas para fins de reivindicações de seus direitos e necessidades.

As conquistas das mulheres alcançadas no século XXI se deu por meio de muitas lutas femininas por garantia de seus direitos nos âmbitos social, político e profissional. Mas, apesar de sua ascensão significativa, ainda se têm muito a conquistar, pois a desigualdade de gênero continua. Nos espaços de campo profissional, social e econômico é crescente o número de profissionais do sexo feminino que disputam em condições de igualdade, e até mesmo de superioridade com os homens, porém, ainda existem muitas mulheres que estão fora do mercado de trabalho e ficam em casa cuidando dos filhos. Isto parece ser reflexo dos esforços da luta constante feminina, aliados à chegada dos avanços do mundo moderno, onde os homens foram obrigados a deixarem a postura de dominadores para caminharem em conjunto de uma parceria necessária e enriquecedora (SERPA, 2010).

Com as conquistas das mulheres no mercado de trabalho, a sua jornada torna-se dobrada, pois as mesmas ao chegar em casa ainda dedicam-se aos afazeres domésticos, cuidados com os filhos e maridos. Aliado a isso, nota-se uma disparidade entre as cifras recebidas em cargos equivalentes aos dos homens. Mesmo com todas as evoluções e construções a favor da mulher, a igualdade de gênero no mercado de trabalho ainda está em processo, pois a mesma ainda se encontra em situação desfavorável, principalmente em relação ao salário inferior e ao preconceito por ser considerada como “sexo frágil” (ESPÍNDOLA, 2011).

Muito ainda se tem para alcançar nessa luta em busca da igualdade, principalmente no campo do mercado de trabalho. Observa-se através desses estudos que as mulheres chegam a cargos bastante valorizados com menos idade em relação aos homens (sendo vistas como adversárias), com um nível de escolaridade superior, porém, o número de mulheres que alcançam tal intento ainda é inferior levando em consideração que as mesmas compõem mais da metade da população brasileira (IBGE, 2010). Este processo é contínuo, e os homens têm que enxergá-las como aliadas, pois trabalhando juntos, unindo suas habilidades naturais, o

ganho em qualquer área de trabalho será bastante significativo.

4.2 A feminização do Magistério

Para entender o processo de feminização do magistério, é necessário entender primeiro como se deu o processo de educação no Brasil, no qual no início apenas os meninos tinham direito a educação e posteriormente as meninas, mas, era apenas aquelas filhas dos senhores das famílias burguesas. Assim, a liberdade para as mulheres foi sendo conquistada de forma limitada, num processo longo e de muito enfrentamento, derrubando barreiras e enfrentando batalhas, confrontando sempre com o sistema patriarcal predominante. E o mesmo também foi consolidado por conveniência política (ROSA, 2011).

As primeiras vagas para o sexo feminino em escolas públicas básicas, que até o momento seu acesso à educação era restrito voltado para o cunho religioso em conventos ou locais de recolhimento, surgiram a partir da falta de um sistema de ensino capaz de exercer suas diretrizes curriculares e promover uma política educacional definida e unificada para toda a nação, que deixava à margem a maior parte da população excluindo da escolarização a maioria dos cidadãos, justamente pelo fato de que a sustentação de suas bases eram ligadas ao poder local das províncias. A partir da necessidade de atender ao novo modelo político, econômico e social, com o Decreto que sancionou a educação pública para todo cidadão brasileiro, o problema da vez era capacitar e instruir novos professores. Então surgem as primeiras Escolas Normais, que iriam suprir a falta de mestres e mestras com boa formação (MELNIKOFF; MELNIKOFF, 2014).

A inserção do público feminino no magistério iniciou-se no século XIX, sendo notório a partir do século XX, pois com o surgimento das Escolas Normais o número de mulheres formadas era cada vez mais crescente, chegando a superar o número de homens matriculados e formados (ROSA, 2011; VIANNA, 2013). O que contribuiu para o crescente número de mulheres nessa época no magistério foi a evasão dos homens para profissões mais valorizadas hierarquicamente, como por exemplo, coordenador ou diretor, principalmente, em relação ao salário, e o discurso de que a mulher teria a vocação natural para tal profissão, por conter atributos advindos da maternidade e cuidados associados à família, que era ideologizado para ser missão feminina (ROSA, 2011; DORNELAS; PORTO, 2016).

O magistério era a profissão que chegava mais perto da liberdade para as mulheres, pois as possibilitavam de circular pelo espaço público desacompanhadas sem julgamentos negativos, tendo em vista que a mulher só poderia se dedicar aos trabalhos domésticos e ao marido e

aparecer publicamente sempre acompanhada em eventos públicos que era conveniente para tal. Outro atrativo desta profissão para o público feminino era os salários melhores que os de governanta, costureira ou parteira (que eram as profissões que as mulheres podiam ter), mas, ainda assim, os salários eram bem menores que os dos homens em relação às outras profissões “masculinas”, além de poderem adquirir conhecimentos que iam além das prendas domésticas.

A feminização do magistério também teve seu cunho político, porque, o governo precisava atender as necessidades do Decreto que tornava o ensino público onde o mesmo estava se expandindo cada vez mais ao longo do tempo, e este pretendia gastar minimamente, os homens que se viam com capacitação e autonomia superior, concluíam que seu trabalho valia remuneração elevada em relação às das mulheres, e como o salário de professor era baixo, na escola seus cargos eram sempre superiores para corresponder aos seus salários, como de gestores, coordenadores, etc. E para isso o discurso de naturalização feminina para a vocação do magistério era o que favorecia para tal “artimanha” do governo (ROSA, 2011).

Segundo Vianna (2013), após o fenômeno da feminização do magistério onde o público feminino se fazia predominante, houve um tímido crescimento masculino na área da educação, pois, conforme apontado em sua pesquisa, o estado de São Paulo teve um aumento de 30% de homens na rede municipal, entre educadores, professores, auxiliares de Educação e diretores da escola, sendo assim, um percentual significativo, sobretudo se levarmos em consideração a predominância feminina no magistério. Porém, vale ressaltar que o processo de feminização tem sua relevância em relação às questões de gênero que estão além da composição da categoria sexual do corpo docente, pois isso implica no fato de que os homens ainda são maioria nos cargos de maior prestígio e remuneração nas modalidades de ensino.

Observa-se que o magistério configurou-se como uma alternativa para as mulheres terem acesso ao mercado de trabalho e de certa forma sua liberdade, ainda que limitada. Além de um processo longo, o mesmo caminhou de forma conveniente para o sistema em relação a facilitação da inserção feminina, e considerando suas limitações, sempre com construções e conservação de estereótipos aos quais aprisionavam as mulheres e condicionava seu acesso à profissão, para que, dessa forma, elas continuassem em segundo plano e fortalecendo hierarquicamente o homem a condição superior.

4.3 Questões de gênero na EF escolar

A área da Educação foi a que mais resistiu nas discussões sobre gênero em relação a obras literárias publicadas. Diante de um sistema patriarcal é evidente que há uma construção

de um padrão de comportamentos relacionados ao homem e a mulher, e com a Educação Física não é diferente. O movimento feminista dos anos 60/70 contribuiu para a consolidação acerca dos estudos da temática na área da Educação Física e dos esportes, pois a reivindicação das mulheres nestes espaços de práticas sociais tem forte ligação com as ações e reflexões correlatas (GOLLNER, 2007).

Historicamente, a Educação Física baseava-se no discurso higienistasocial que visava a transformação de um sujeito “saudável e normal”, já que se respaldava na construção de um corpo saudável, tendo em vista que a mesma entra no contexto escolar de educar o “físico”, trabalhando a sexualidade a partir da ideia de uma moral sexual do corpo social traçando-se na heterossexualidade como regra para a produção desse sujeito (NICOLINO; PARAÍSO, 2018).

Na Educação Física escolar onde se trabalha o corpo e busca as possibilidades de exploração do movimento, é notório a segregação, conforme as atividades determinadas pelo professor ou exercidas pelos alunos, onde há sempre uma separação entre meninos e meninas levando em consideração as atividades que os mesmos preferem fazer, pois, construiu-se conceitos de atividades masculinas e femininas voltadas especificamente para ambos considerando suas habilidades “naturais”. Nas relações sociais das práticas escolares o gênero possui forte influência na organização de manifestações da cultura corporal nas formas de pensar, criar e recriar o masculino e o feminino nas práticas corporais (CORSINO, 2012).

Uma das práticas corporais ao qual se evidencia fortemente a construção de que uma é destinada para o público masculino e a outra para o público feminino, é o futebol e a dança, respectivamente, que são trabalhadas na Educação Física. Estereótipos foram construídos para a prática das atividades e execução a quem pode (ou tem mais tendência) ou não pode praticá-las, sendo assim rotulando atividades para meninos e para meninas. Portanto cabe a discussão sobre gênero, uma vez que a Educação Física no âmbito escolar consiste em seus espaços as expressões e solidificações de estereótipos dominantes de masculinidade, no sentido de que uma vez que se dá tal predominância estereotipada, pode-se abrir a possibilidade de corrigir/desconstruir tais estereótipos dentro deste contexto. (TINOCO *et al.*, 2016).

4.3.1 Relacionando à docência da Educação Física escolar e a dominação masculina

No magistério é predominante o número de mulheres exercendo a profissão, mas, na área da Educação Física, por sua vez, parece que há uma inversão nessa realidade. A esportivização da Educação Física escolar contribui para a formação de um cenário de dominância de um gênero sobre outro, pois há a solidificação da permanência de um padrão

androcrista nas práticas esportivas, uma vez que a sociedade constrói e reproduz a ideia antagônica entre homens e mulheres em relação às aprendizagens, habilidades e possibilidades corporais. Assim, havendo a persistência da visão androcêntrica e da heteronormatividade presentes no mundo do esporte, dificulta a discussão sobre gênero na Educação Física escolar, ao qual a mesma é esportivizada voltada para o alto rendimento (ALTMANN, 2015).

Bourdieu (2012), na obra intitulada “A Dominação Masculina”, afirma que a construção social do corpo e sua naturalização efetuada em relação a força de dominação da imagem social masculina se dá pela soma de duas operações: o de natureza biológica e a construção social de uma representação simbólica de corpo considerando o gênero que hierarquiza um sobre o outro, de acordo com as diferenças sexuais de seus corpos em relação a seus órgãos (masculino e feminino). Esta construção simbólica é a distinção entre a utilização do corpo e o que legitima a utilização do mesmo, e a exclusão do pensamento de comportamento do mesmo sobre o outro gênero – o que contribui para o fortalecimento da hierarquia de um sobre o outro. E o esporte sendo visto como uma categoria masculina por contribuir e cuidar do corpo e a Educação Física escolar esportivizada, por sua vez, direcionada para o alto rendimento e para a abordagem higienista social que busca o corpo saudável, em relação a seu histórico, enfatizando a tendência da predominância masculina no cenário da Educação Física em todas as suas dimensões, pois são fatores favoráveis para a inserção/ocupação deste público.

Como enfrentamento da ordem e das normas escolares, pode-se exemplificar o esporte como expressão da dominação masculina, e a ocupação generificada dos espaços escolares. As relações de poder atravessam as experiências de jogo e a ocupação desses espaços, uma vez que a educação corporal é diferenciada por gênero, onde separa meninos e meninas em suas práticas corporais, assim, refletindo em sua vida social reproduzindo da mesma forma. Mas ainda assim, há resistências que apontam para novas possibilidades de vivências de corpos masculinos e femininos (ALTMANN, 2015).

Diante do exposto, observa-se que a dominância masculina no esporte (e em outras áreas) foi dada a partir de uma construção social do corpo masculino e feminino que hierarquiza o gênero em si. Portanto, se há predominância do público masculino na Educação Física, esta parece estar ligada a este fator, e pela razão de a mesma no âmbito escolar ser esportivizada, favorecendo a reprodução da ideia de masculinidade superior do corpo e inferiorizando a capacidade feminina para tal.

5 MÉTODO DA PESQUISA

5.1 Tipo de pesquisa

Trata-se de uma pesquisa com característica de um estudo de caso, com uma professora formada em Licenciatura em Educação Física que atua no contexto escolar, em uma escola da rede pública do município de Tocantinópolis-TO. Para tanto, assumimos um caráter exploratório e uma abordagem qualitativa, onde as informações obtidas não podem ser quantificadas e os dados obtidos são analisados de forma indutiva. No processo de pesquisa qualitativa a interpretação dos fenômenos e a atribuição dos significados são fatores básicos (RODRIGUES, 2007).

Para Yin (2005), o estudo de caso se aplica quando há questões que não podem ser resolvidas por dados quantitativos, ou seja, quando as questões são de natureza mais exploratórias, onde a observação das questões se configura no tempo e no contexto estudado. O autor ainda reforça que a utilização deste método é recomendada quando se deseja responder questões que podem tornar compreensível diversos processos ou fenômeno estudados.

5.2 Instrumentos/Técnicas de coleta dos dados

O instrumento utilizado para a coleta de dados desta pesquisa foi a entrevista semiestruturada, a qual foi orientada por um roteiro previamente elaborado e composto por questões abertas. De acordo com Belei *et al.* (2008), é necessário que se faça o roteiro com a máxima atenção e de acordo com a pesquisa, observando se há questões que geram dificuldade de interpretação, identificando se o entrevistado se sente à vontade com o instrumento utilizado em relação as respostas das questões e se atinge o objetivo esperado. Desta forma, a pesquisa contará com a máxima veracidade, e em relação ao objetivo proposto facilitará a discussão dos resultados até a conclusão final.

5.3 Procedimentos de Coleta dos dados

Primeiramente, foi realizado uma busca bibliográfica acerca da temática deste estudo, a fim de construir uma fundamentação teórica a qual embasasse o nosso estudo e nos norteasse ao longo do mesmo. Logo após, foi realizado o convite de maneira informal à nossa entrevistada para a mesma colaborar com a nossa pesquisa, tendo em vista, que a escolha da mesma se deu a partir do contato entre a pesquisadora e a professora em questão através do Estágio

Supervisionado e que até o momento era a única professora formada em Licenciatura em Educação

Em concordância a professora Ryane Silva¹ que atua em uma Escola pública do município de Tocantinópolis, participou da entrevista a qual foi elaborado um roteiro de perguntas abertas acerca da temática desta pesquisa. A mesma foi feita por meio da ferramenta virtual *Google Meet*, que consiste em uma vídeo-chamada online, na qual teve duração de uma hora e meia.

A entrevista foi transcrita e posteriormente foi realizado o fichamento da mesma e selecionado os pontos mais importantes para a coleta de dados. Desse modo, foi possível discutir os resultados obtidos de maneira o mais fidedigna possível nos permitindo analisar os dados de acordo com o objetivo proposto nesta pesquisa, facilitando a discussão dos mesmos.

5.4 Procedimentos de Análise dos dados

Foi adotada a técnica de análise de conteúdo, proposta por Bardin (2004). Esta técnica possui três fases principais:

- Estabelecer a unidade de análise – descrever qual elemento básico será sujeito a análise, considerando as palavras chave da pesquisa ou determinado assunto – a entrevista foi totalmente transcrita fielmente a sua realização e analisada o assunto abordado da mesma, ou seja, observado o seu assunto principal levando em consideração a temática desta pesquisa;
- Determinar as categorias de análise – determina a classificação e a seleção dos dados, ou seja, tendo em vista o assunto da pesquisa filtrar o que é relevante para se considerar em relação ao objetivo proposto pela mesma – após transcrever e analisar o assunto abordado da entrevista foi feito um fichamento da mesma selecionando suas principais falas em relação a temática e as falas as quais seriam indispensáveis para a composição deste trabalho;
- Selecionar a amostra do material de análise – se trata dos dados selecionados de acordo com os critérios adotados – os dados selecionados além, da falas indispensáveis na composição deste trabalho, também, foram as vivências da entrevistada que possuíam

¹ Em conformidade com as questões éticas, optamos por atribuir-lhe um nome fictício, garantindo-lhe, destarte, o devido anonimato.

relevância com a temática deste estudo e a ilustração de suas experiências que reproduziam os relatos históricos mencionados nesta pesquisa.

6 RESULTADOS E ANÁLISE

No presente tópico apresentaremos os dados produzidos, analisando-os a luz da literatura. Para tanto, serão focalizados aspectos atinentes à escolha da profissão da entrevistada, bem como à sua percepção enquanto professora, observando o seu processo de construção docente em Educação Física e os respectivos desafios enfrentados na profissão. Portanto, ao longo desse tópico mesmo o leitor poderá refletir sobre questões que perpassam a trajetória da mulher na docência em Educação Física.

6.1 Escolhendo sua própria direção: a mulher escrevendo a sua própria história

A ascensão da mulher no mercado de trabalho é marcada por uma trajetória histórica que não aconteceu de forma estável, mas, por um árduo e histórico processo de luta e de resistência. Porém, a cada dia que se passa e a cada avanço nas lutas por direitos, as mulheres conseguem se enxergar cada vez mais próximas das estatísticas positivas em relação ao gênero, assim, como destaca a entrevistada:

Hoje em dia nós mulheres estamos praticamente no mesmo “patamar” em questão de...de trabalho de profissão né? [...] a mulher ela é muito independente, hoje a mulher faz o que ela quiser. A mulher hoje em dia ela é advogada, ela é polícia, ela é engenheira, ela é tudo o que ela quiser. Isso a gente vê a grande mudança daquela década para a que estamos hoje. (PROFESSORA RYANE)

Observa-se que, apesar de ainda existir desigualdade, a entrevistada destaca as conquistas das mulheres no mercado de trabalho, as quais são resultados de anos de luta e de movimentos feministas. Todavia, é preciso ter presente que ainda há um caminho longo a se percorrer para que as mulheres cheguem a um lugar de equidade com o gênero masculino, e, isso em diferentes âmbitos. Em relação aos cargos, por exemplo, sobretudo, os cargos de chefia, percebe-se que a participação masculina é majoritária, mesmo com a significativa expansão da ocupação feminina no mercado de trabalho (RIBEIRO; JESUS, 2018).

No âmbito da Educação Física e dos Esportes, por exemplo, percebe-se uma masculinização histórica, cuja trajetória da inserção das mulheres é marcada por um longo

processo de proibições, e, que tal trajetória atinge diretamente na aquisição das práticas corporais que são voltadas especificamente para o bom desempenho feminino nos esportes e que este se torna um desafio para as escolas no que tange a esportivização da Educação Física escolar (ALTMANN, 2015), o que, aliás, pode reverberar negativamente na própria escolha profissional das mulheres.

Em um evento voltado para promover o esporte em todo o estado do Tocantins, a nossa entrevistada percebeu que o público majoritariamente era masculino, tanto, como docentes quanto alunos. Nesse sentido, como professora de Educação Física mulher, ela identificou-se claramente como minoria, juntamente com a aluna em que ela estava acompanhando, conforme ilustrado a seguir:

Eu tive uma experiência em Palmas quando eu fui levar uma aluna que ela passou de fase aqui da regional e era xadrez [...]. Eu levei ela pra Palmas, pra competir o estadual e o que eu vi de professor homem ‘mirmã’, mulher quase não tinha. [...] aqui tem muitas profissionais de Educação Física mulher, porém, não atuam como professora de sala de aula assim como eu né e eu me senti assim, sabe, mas assim, firme e forte. Eu levei só uma aluna, mas estava super de boa, conversei com alguns professores pouco, mas, conversei. Mas, assim, eu senti falta das meninas, das mulheres, de a gente sentar e falar sobre nossos alunos, como é que foi ali naquela partida, não...não teve. Eu senti falta!
(PROFESSORA RYANE)

Especificamente, enquanto mulher segundo as pesquisas (SERPA, 2010; ESPÍNDOLA, 2011) quando se tratava de profissão, tempos atrás havia uma profissão predestinada, pois, o direito de escolher da mulher era limitado. O que hoje já podemos dizer que houveram grandes avanços nas questões feministas, principalmente, em relação a uma das mais importantes reivindicações, que, era sobre a liberdade de escolha da mulher e o direito de trabalho. Todavia, no que diz respeito às questões salariais, tal desigualdade ainda mostra-se latente.

Segundo Pereira *et al.* (2005), os homens continuam ocupando os cargos mais altos e ganhando os maiores salários, sendo assim, observa-se que a discriminação da mulher no mercado perdura, pois, mesmo com as mudanças relevantes no mercado de trabalho, as mulheres que possuem as características iguais, como a escolaridade ainda recebem os menores salários. Portanto, estar sempre ratificando os avanços da luta feminina é importante para que nesses registros outras mulheres que vierem depois, encontrem esperança e não desistam de lutar por direitos iguais, escolhendo a sua própria direção e escrevendo a sua própria história, o que nos leva para o próximo ponto: a escolha da profissão.

6.2 “Pronto, eu vou ter que ser professora”: da inspiração para a profissão

A procura por uma profissão está para além da construção de uma carreira, desse modo, vários fatores são envolvidos quando se trata da escolha de um ofício. Para Rabelo (2007), com as necessidades impostas pela sociedade, surge o desejo de tornar aquela profissão em algo prazeroso. Ou seja, as escolhas podem ser relacionadas à compensação financeira, à vocação, ao sentimento de dever cumprido ou pela visibilidade da profissão e o reconhecimento dado pela importância do seu trabalho.

No caso da nossa entrevistada, o pontapé inicial para fazer a escolha pela profissão de professora perpassou pela sua participação ativa enquanto discente nas aulas de Educação Física escolar, incluindo, de maneira especial, à sua afinidade por práticas corporais como a dança e o teatro.

Eu fazia o curso de Educação Física porque eu me identifiquei com a dança e o teatro, mas, é...a dança e o teatro, aliás, a dança ela acaba que entrando muito no contexto Educação Física, querendo ou não, é cultura né. E assim, como eu gostava muito de dança, e o teatro envolve a dança e a dança envolve o teatro...tudo é questão de expressão, movimento do corpo e tudo mais...e aí fui estudando, quando foi no meio do curso eu pensei 'pronto...eu vou ter que ser a professora'. (PROFESSORA RYANE)

De forma sintomática, é importante ressaltar que a escolha pela docência também perpassou pela admiração profissional que a entrevistada nutria por outra professora, com a qual ela teve a oportunidade de atuar como monitora. De fato, é uma prática habitual que os seres humanos busquem se espelhar no outro quando se trata de tal escolha e com a nossa entrevistada não foi diferente, pois, ainda que não fosse formada em Educação Física, havia uma outra mulher cuja ação docente serviu-lhe como inspiração. A respeito dessa experiência, a entrevistada relatou:

[...] O meu trabalho seria como monitora de dança e se passara algum tempo comecei a trabalhar também como monitora de teatro. Na época a professora regente era a professora Kelly². Eu aprendi muito com ela, assim...eu devo muito a ela pelo o que hoje eu consigo fazer em sala de aula. Se eu não tivesse é...tido essa experiência com ela na escola, eu acredito que eu não teria começado tão bem como eu comecei. E aí fui. Passou um tempo, resolvi estudar Educação Física. [...] Porque eu também trabalhei muito tempo em academias e praticava esportes diariamente, ou seja, Educação Física já fazia parte do meu futuro desde sempre. (PROFESSORA RYANE)

² Nome fictício.

Observa-se, então, que além da identificação com a área, a identificação com a referida professora também foi um fator fundamental para a opção da nossa entrevistada pela docência, ainda que esta não se configure como uma escolha fácil. Afinal, tal como adverte Gatti *et al.* (2009, p. 67): “[...] A própria sociedade brasileira passa uma imagem contraditória da profissão: ao mesmo tempo em que ela é louvável, o professor é desvalorizado social e profissionalmente e, muitas vezes, culpabilizado pelo fracasso do sistema escolar”.

Destarte, escolher uma profissão implica na escolha de um modo de vida, sobretudo, quando se trata de profissão docente, uma vez que esta é a base para as demais profissões. No caso das mulheres, isso envolve ainda seguir um modo de vida cujas representatividades são inerentes a tal opção, incluindo todo um fator histórico entre a desigualdade de gêneros e a própria feminização do magistério.

Ademais, uma problematização parece-nos ser digna de nota. Trata-se da relação entre a Educação Física e o magistério, a qual nos parece ser inversamente proporcional, pois enquanto a Educação Física (como disciplina escolar ou como profissão) é historicamente masculinizada desde o início da sua implementação, o magistério, por sua vez, era visto como uma “profissão feminina”. Então o que se pode extrair de tal relação? O fato de que é preciso buscar uma igualdade de direitos em ambos os cenários, cujas lutas e resistências apresentam-se como uma condição *sine qua non* para caminhar na direção da equidade.

6.3 Construção da identidade docente na Educação Física Escolar

A partir da Segunda Guerra Mundial com a necessidade das fábricas de substituírem a mão-de-obra, que era perdida com os homens que foram pra guerra e não voltavam mais, as mulheres assumiram o papel do homem que era provedor da família. Dessa forma, elas viram também uma forma de serem inseridas na vida pública, bem como de possuírem uma certa independência a partir da sua própria fonte de renda.

O processo de construção da identidade docente da mulher se deu com a sua inserção no mercado de trabalho, mais especificamente a partir da feminização do magistério. Trata-se de um fenômeno caracterizado pela formação em massa de mulheres professoras com o surgimento das Escolas Normais, a partir do século XX (ROSA, 2011; VIANNA, 2013). Pois, tal profissão aproximava o papel feminino dentro da sociedade, reunindo um espectro de atributos, como por exemplo, o zelo, a sensibilidade, o cuidado com o outro, etc. Mas, tal processo constituiu-se desde desigualdades salariais, às condições de trabalhos, desse modo, as

relações de gênero perpassam do processo de inserção da mulher no mercado de trabalho, mas, fazem parte do processo de construção da sua identidade docente.

No caso da nossa entrevistada, observa-se que a sua identidade com a docência foi se construindo a partir de lacunas que ela própria conviveu no seu processo de escolarização, mais especificamente na Educação Física escolar, conforme verifica-se no relato abaixo:

[...] na minha época eu percebia que eles [professores de Educação Física] davam uma maior atenção para os homens, isso é de fato. Não vou negar, não vou fechar os olhos para isso. Quando se tratava do treino, tipo: “agora é só os meninos” era aquela empolgação toda. Aí quando: “agora é as meninas”, assim, sabe aquela coisinha assim... aquele treinzinho assim, meio sem graça. (PROFESSORA RYANE)

Com base no exposto acima, pode-se articular que as práticas limitadas que ela teve nas aulas, em alguma medida, serviram como uma referência a não ser seguida, isto é, como uma forma de não reproduzir as mesmas práticas limitadas que eram conduzidas por seus professores outrora. Nesse sentido, ela faz questão de apontar que trabalha os esportes de forma democrática, abordando as suas respectivas regras, fundamentos técnicos e táticas, etc., pois, atuando dessa maneira, ela considera estar combatendo a desigualdade de gêneros nas aulas, a mesma que ela foi vítima em um passado relativamente recente.

Para Corsino (2012), usar como estratégia a separação das turmas entre meninos e meninas, apenas evidencia a hierarquização de gênero de maneira velada, o que, não fomenta a igualdade de gênero. Em seu estudo, observou que houveram várias formas de resistência sob os padrões estabelecidos entre feminino e masculino, gerando conflitos que contribuíram para a violência de gênero. Tal estratégia quando não funciona como forma de estimular uma aproximação entre igualdade de gênero, mostra que a disciplina de Educação Física ainda não superou as marcas históricas que provocaram a separação entre meninos e meninas como forma de hierarquização de gêneros, mas, que para lutar por uma Educação Física mais democrática, as aulas mistas, embora não esgotem a questão, mostram-se valorosas.

Ademais, também é importante desenvolver práticas pedagógicas que problematizem os processos históricos e sociais, os quais foram responsáveis pelas representações de masculinidade e feminilidade no interior das manifestações da Cultura Corporal, devendo reverberar no processo de formação inicial, incorporando disciplinas que abordem as relações de gênero e que evidenciem a necessidade de políticas educacionais que considerem as implicações feministas nos currículos escolares. Desse modo, torna-se importante esclarecer que estas manifestações envolvem elementos históricos, que foram formados no interior de

lutas políticas, capazes de estabelecer quem pode ou não pode, quem deve e quem não deve praticar determinadas atividades (CORSINO, 2012).

Nessa conjuntura, a entrevistada traz à tona a questão da dança como um conteúdo que os professores homens costumam ter dificuldade para ministrar e que para ela própria serve como vantagem justamente pelo o fato dela ser mulher e também já ser familiarizada com esse tipo de expressão corporal, conforme observa-se no relato abaixo:

[...]Então, acaba que chega a ser uma vantagem pra gente, mas, a maioria assim, os homens em si a maioria eles não conseguem dar uma aula prática de dança. Eu sou muito feliz por poder realizar as aulas de dança de todos os estilos que os objetos de conhecimento, aliás, que a BNCC do documento comum curricular apresenta eu consigo trabalhar todas sem dificuldade, assim, para mim é um privilégio. (PROFESSORA RYANE)

Nos chama a atenção, portanto, que dentre as atividades consideradas mais “afeminadas” e destinadas quase que ‘naturalmente’ para mulheres, inclui-se a própria Dança, um dos conteúdos da cultura corporal que, ao restringir-se para o público feminino, tende a perpetuar as desigualdades de gênero. De acordo com Go Tani (1988), muitos professores encontram ainda dificuldades em aplicar aulas de dança no ambiente escolar, em decorrência, sobretudo, do preconceito por parte dos meninos que relacionam tal expressão corporal como sendo predominantemente feminina, representando um reflexo de uma sociedade “machista”. Portanto, pode-se articular que embora a Dança possua inúmeros benefícios motores e sociais, tal conteúdo acaba sendo desvalorizado no contexto das aulas de Educação Física.

Em seu estudo sobre “Autopercepção corporal e preferências motoras de praticantes de dança”, Cardoso *et al.* (2009), constatou que enquanto os esportes, são caracterizados pela predominância masculina, as mulheres são praticantes predominantes na realidade do mundo da dança, neste caso, o que diferencia um do outro. O que pode explicar tais diferenciações, são os estereótipos criados em que o esporte remete a ideia de masculinidade e virilidade, e, a dança por sua vez, acaba sendo uma prática caracterizada como feminina. Sobre as diferentes formas de abordar a temática de gênero, que inicialmente era discutida pela militância feminina, onde a intenção era denunciar a situação de dominação da mulher em relação ao homem.

Segundo Assis *et al.* (2015), as diferenças entre homens e mulheres não são estabelecidas apenas pelo sexo (biológico), mas também por um conjunto de aspectos sociais, históricos e culturais. A dança, por exemplo, é uma manifestação corporal em que o movimento do corpo é o principal objeto de expressão e comunicação, envolvendo, ainda, fatores sociais,

históricos e culturais, refletindo na predominância de um público sobre outro em sua prática, assim, como o domínio da mesma.

Portanto, evidencia-se que, dentre outros aspectos, a afinidade com a Dança apresentou-se como fundamental para o processo de construção da identidade docente da nossa entrevistada na Educação Física Escolar.

6.4 Superando as expectativas

A entrevistada mencionou um conjunto de aspectos que se apresentavam como desafios a serem superados na Educação Física escolar antes mesmo de ser perguntada a respeito deles, como, no começo da sua atuação como professora, a sua dificuldade de fazer a explanação do conteúdo e explicar o objetivo, etc. Nos chamou a atenção que, no seu entender, tais aspectos nada tinha a ver com o fato de ela ser professora mulher, mas, uma docente iniciante. Com efeito, quando nos propomos a fazer algo ao qual não estamos familiarizados, é comum (quicá, esperado) que haja uma certa insegurança, oriunda da inexperiência.

Em contrapartida, constatamos que as vivências anteriores na escola em que ela começou a trabalhar como professora de Educação Física, contribuíram para a boa aceitação da entrevistada por parte dos sujeitos escolares, em especial, dos seus alunos e alunas. Não obstante, ela relata que um dos seus colegas não teve o mesmo êxito no começo, por isso, ela atrela a sua boa aceitação ao fato de anteriormente já ter tido experiência com o trabalho na referida escola, tal como pode-se observar no excerto abaixo:

[...] no começo não foi assim tão perfeito, né? porém, assim, eu fui bem aceita pela maioria dos alunos, porque assim, antes de mim era um professor homem, aí como eu já trabalhava na escola e eu já conhecia os alunos por causa do meu trabalho como monitora [de dança e teatro], eu já fui assim, bem aceita. Primeiro porque antes eles já falavam ‘ah a professora de dança poderia ser a professora de Educação Física’ então acaba que, assim, eu tive um pouco de vantagem por isso, mas, eu acredito que se eu tivesse chegado de uma vez, eu acho que eu não teria sido bem aceita né. (PROFESSORA RYANE)

De acordo com Gariglio (2017), a iniciação à docência é um dos períodos mais importantes e únicos da trajetória docente, os quais determinam de forma potente na construção da identidade profissional dos professores, influenciando na relação que se estabelece no trabalho tanto no presente, como, no futuro. Porém, as experiências iniciais não podem ser levadas em conta como algo absoluto, pois, cada sujeito vive suas experiências de maneiras

individuais, e assim, há que se levar em consideração um conjunto de fatores que agem sobre as possibilidades de descobertas da profissão e seus obstáculos.

Por outro lado, a necessidade de suprir lacunas pessoais fazem parte não só do processo de construção da docência da entrevistada, mas, também servem para passar pelas respectivas dificuldades, uma vez que se observa que a sua constante adaptação e a sua preocupação com a inclusão fazem parte desse processo. É notório o olhar sensível da professora para incluir todos e todas em suas aulas teóricas e práticas. E também sua intervenção pedagógica para que nenhum aluno saia prejudicado em relação ao aprendizado. Pensamos que tal olhar sensível já serve como um bom começo para mudar a realidade da esportivização masculinizada da Educação Física. A este respeito, observa-se o seguinte relato:

E acaba que aquelas que não gostam, as vezes não é nem questão de não gostar, é questão da falta de incentivo do próprio professor. Quantas vezes eu já tirei aluno do banco pra participar de uma aula de futsal, de um vôlei, de uma corrida na escola. Mas, porque estava ali acomodada, sem incentivo. Não era porque ela não queria, as vezes estava com vergonha, estava com receio... porque esses alunos vai passando o tempo e eles vão crescendo, vão ficando maiores e infelizmente vão ficando com um pouco de receio de estar participando, e aí, cabe a nós profissionais dar aquele empurrãozinho ‘vamos lá, você consegue’ e assim, dá muito certo o incentivo. Agora quando você vê que realmente não dá, aí a gente também não pode fazer nada. A gente vai ter que fazer um trabalho diferenciado com o aluno e tentar avalia-lo de outra forma para que ele não possa sair prejudicado. (PROFESSORA RYANE)

Vários estudos que têm por temática a formação de professores analisam como os ciclos e fases diferentes interferem no desenvolvimento profissional em relação a carreira docente. Gariglio (2017) propõe que a carreira docente divida-se em duas fases distintas, onde a primeira é a de entrada na profissão, correspondendo ao primeiro ano de experiência na escola, ao qual, as múltiplas responsabilidades do ato de ensinar são confrontadas pela primeira vez; a segunda é a fase de crescimento na profissão, que caracteriza-se pela relação dos alunos e colegas de profissão e os professores iniciantes, com sua aceitação. Durante esse período, os novos professores tendem a empenhar-se na melhoria das competências e nos respectivos métodos. Partindo desse pressuposto, pode-se inferir que a narrativa acima da entrevistada, caracteriza-se pela segunda fase da carreira docente, pois observa-se que a mesma tenta aprimorar seus métodos, dando atenção às suas habilidades profissionais.

6.5 Entre a escolha profissional e a desigualdade de gênero na Educação Física em questão

Muitos aspectos em relação ao nosso objeto de estudo foram emergindo ao longo do processo de realização desta pesquisa, incluindo a escolha profissional e os fatores motivadores para tal. Durante a entrevista outro aspecto que nos chamou a atenção diz respeito ao relato de situações vivenciadas pela entrevistada que evidenciam as desigualdades de gênero em sua profissão, o que, aliás, caminha ao encontro da trajetória histórica da Educação Física, a qual é marcada por uma estreita relação com o ideal de masculinidade e virilidade desde o início do século XVIII, cujas práticas de Ginástica objetivavam a formação de meninos saudáveis, robustos e disciplinados (OLIVEIRA, 2004).

Para a entrevistada, o fato de se identificar como minoria em diferentes momentos causou-lhe um desconforto pessoal e profissional, potencializando seu anseio para que haja uma maior igualdade de gênero na Educação Física escolar, conforme pode-se verificar na seguinte narrativa:

[...] eu queria muito chegar no JETS [Jogos Estudantis do Tocantins] e ver um monte de mulher com seus alunos, sabe quando você vai apresentar os seus alunos – porque sempre tem aquela hierarquia de apresentar de se apresentar a escola, apresentar o professor e tal – eu queria muito, um dia chegar e ver aquela fileirinha de mulheres com as suas turmas sabe, mas, a gente quase não vê isso, não vê. Assim, é...essas mulheres tem que colocar o pezinho um pouco mais na frente né? não só na nossa área de Educação Física, mas, como em outras profissões também. (PROFESSORA RYANE)

A entrevistada menciona, ainda, que há uma diferenciação facilmente observável a respeito das escolhas profissionais dos seus colegas de graduação, pois enquanto os homens se inserem na Educação Física escolar, as mulheres enveredam-se para uma outra vertente da área, tal como verifica-se no relato a seguir:

[...] na verdade a maioria são donas de academia, elas não atuam em sala de aula, pelo menos as que eu conheço né? que, aliás, que eu vejo os perfis, que acompanho nas redes sociais, mas as outras não. Agora os homens...pra você ver, né? os meus colegas estão quase todos em sala de aula. (PROFESSORA RYANE)

Deste modo, torna-se pertinente problematizar tal divergência na escolha da atuação profissional entre os egressos e as egressas do referido curso, a qual, de alguma maneira, parece encontrar eco no paradoxo existente entre o fenômeno da “feminização” no magistério e da masculinização na Educação Física. Todavia, no ponto de vista da entrevistada, tamanha diferença nos rumos de atuação entre seus colegas de graduação não é resultante da desigualdade de gênero, mas, de uma decisão pessoal de cada um. Por outro lado, ela faz uma interessante reflexão, conforme se segue:

Eu acho muito injusto eu passar quatro, cinco anos estudando pra mim fazer algo que não condiz com meu curso. Por exemplo, a minha Educação Física é licenciada, é licenciatura. Eu não posso atuar em academia entre aspas, a não ser que eu faça uma pós em bacharel é isso. (PROFESSORA RYANE)

De fato, no processo de tomada de decisões, cada pessoa parte do âmbito individual, mas, direta ou indiretamente dialoga com o âmbito coletivo, cujas vivências sociais interferem de forma significativa. E em relação às escolhas profissionais não é diferente. Logo, tanto homens quanto mulheres estão sujeitos a reproduzir preconceitos na escolha da sua profissão, ainda que de forma intrínseca, isto é, sem o devido discernimento deste fato.

Diversos são os fatores que influenciam na tomada de decisão profissional do jovem, levando em consideração que esse é o período em que sua personalidade está em construção e que suas decisões possuem impacto na trajetória profissional. Desde a família e sua situação socioeconômica, que entram como fatores pessoais até o meio social ao qual está inserido, contribuem de maneira direta e indireta na definição de um caminho profissional.

Para os profissionais de Orientação Profissional o ideal seria que durante o Ensino Médio, fossem adotadas políticas públicas que auxiliassem os jovens para que no momento de decisão esta não se tornasse tão difícil em relação a escolha profissional (FATH, 2011). Assim sendo, argumenta-se que o sistema de orientação profissional poderia ocupar lugar de destaque nas grades curriculares das escolas brasileiras, auxiliando os jovens a se conscientizarem a respeito de tais escolhas (GRINGS; JUNGS, 2017).

Diante de suas experiências como aluna, a entrevistada percebe a diferença de tratamento de seus professores com os alunos em relação aos gêneros. Podemos mais uma vez atrelar isto à masculinização da Educação Física, bem como à imagem da mulher estabelecida socialmente e que acaba se reproduzindo no âmbito escolar. Isto posto, observa-se que a feminização do magistério foi a formação superior em massa de professoras para atuar na escola (ROSA, 2011; VIANNA, 2015; DORNELAS; PORTO, 2016), enquanto a disciplina de Educação Física possuía um conjunto de práticas destinadas para os meninos (ALTMANN, 2015; TINOCO *et al*, 2016).

Desse modo, observa-se que mesmo com os avanços reivindicados pelas mulheres pela ocupação de mais espaços, a reprodução dos efeitos desses tempos ainda existe, tal como exemplificado pela experiência da entrevistada com a Educação Física durante a sua escolarização, onde a mesma relata que seu professor dava mais ênfase nos treinos quando este era destinado aos meninos. Diante disto, como esperar que as alunas se interessem pela

disciplina? Acredita-se que a representatividade se torna um aspecto valoroso na construção social do indivíduo. Ter uma professora mulher, por exemplo, cujo domínio na prática sempre se mostrou majoritariamente masculino, serve também para inspirar as alunas, demonstrando que elas também podem ocupar o mesmo espaço e ter a mesma relevância social.

Embora seja relevante, essa relação entre a escolha profissional com a desigualdade de gênero, tal como apontado pela entrevistada, é algo que merece ser aprofundado em novas pesquisas, especialmente no que se refere ao exercício da profissão docente na Educação Física escolar.

6.6 Para além da profissão, a construção de valores se faz importante

Durante o processo de produção de dados, diferentes aspectos de natureza axiológica atravessaram a entrevista, tanto no que diz respeito à referida docente como uma referência valorativa para os seus alunos e alunas, quanto no tocante aos valores que para ela são inegociáveis no exercício de sua profissão, conforme ilustrado no excerto abaixo:

Quando a gente trabalha com alunos...a gente não fala só de um, nem de dois. A gente se fala de centenas de alunos, sem contar que ainda tem os pais. Então, assim, comprometimento com a ética é uma coisa que eu tenho pra mim. Querendo ou não, não que eu sou obrigada, mas, é minha profissão, então assim, o comprometimento com a ética em todas as atividades profissionais, até mesmo em locais que eu estou que eu vejo que tem alunos ou pais, a gente tem que ter um comportamento, uma postura [...] e assim, a responsabilidade social, a valorização da cultura, o incentivo de qualidade de vida e com certeza a solidariedade.
(PROFESSORA RYANE)

Ora, que a Educação Física é uma profissão representada por uma área ampla de atuação, isto é fato, mas, o que torna esta profissão mágica são as experiências que compartilhamos. Com a nossa entrevistada não foi diferente, pois a solidariedade foi um valor que ela retomou em diferentes momentos da entrevista, bem como no momento em que foi perguntada qual o valor que mais a acrescentou enquanto profissional, tal como pode-se verificar no excerto abaixo:

Ah, a questão da solidariedade com meus alunos, principalmente quanto aos especiais. A gente tem que se colocar no lugar deles – tem professor que não consegue – acaba que se exaltando por ele não conseguir fazer com que o aluno entenda aquilo que ele está esboçando, expressando, né? então eu acho que a questão pra mim o mais de todos os valores que eu citei pra você, eu acredito que a solidariedade.
(PROFESSORA RYANE)

Compreende-se que os valores são determinantes no exercício de qualquer profissão, visto que eles correspondem aos fundamentos da moral, das normas e das regras que prescrevem uma conduta correta. No caso específico da solidariedade, considera-se um valor inerente ao indivíduo de maneira pessoal, o qual se adquire e/ou agrega de forma subjetiva e que assim como é imutável não se pode passar de um para o outro, mas, sim provê-lo em seu interior (PRADEL; DAÚ, 2009).

A professora entrevistada apontou que no início de sua trajetória profissional ela subestimava não somente a si mesma, julgando-se incapaz de exercer tal ofício de forma adequada. Porém, de acordo com seus relatos, o fato de estar constantemente buscando atualizar-se com a formação continuada foi importante não apenas para a aquisição de novos conhecimentos, mas, também como um apoio para estar sempre preparada da melhor forma para enfrentar novos desafios, e assim, ir constituindo-se enquanto docente, conforme ilustrado no seguinte relato:

Eu me considero uma grande profissional da área porque eu busco mais e mais conhecimento, inclusive eu até finalizei uma pós agora no ano passado, em novembro, e daqui há dois meses eu não tô podendo, mas, daqui há dois meses eu já vou iniciar outra, mas, é na área da educação inclusiva porquê eu tô trabalhando na APAE, então eu tenho que buscar conhecimento na área, né? Então quanto mais eu buscar melhor pra mim e melhor para os meus alunos. (PROFESSORA RYANE)

Gomes (2001) sintetiza os documentos normativos das Nações Unidas e da UNESCO, extraíndo as suas consequências e implicações para o projeto pedagógico escolar e para as políticas educacionais em geral, apontando que uma das orientações específicas é de que as autoridades e o pessoal docente devem reconhecer a importância do aperfeiçoamento profissional.

Desse modo, compreende-se que a garantia de um acesso facilitado aos docentes para aprimorar os seus conhecimentos é um dever das autoridades. Cabe ao docente, por sua vez, buscar o aprimoramento profissional como um valor, por meio da formação continuada, a fim de lidar com os desafios que emergem ao longo da carreira professoral. Assim, a profissão docente nos permite vivenciar experiências que podem ser consideradas únicas e determinantes para a construção da identidade profissional, agregando valores como profissional e também como pessoa.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo principal compreender o processo de construção da identidade docente feminina na Educação Física escolar, a partir da trajetória de uma professora do município de Tocantinópolis-TO. Para tanto, considerou-se aspectos como a inserção da mulher no mercado de trabalho, o histórico da Educação Física, até as relações de gênero no contexto da Educação Física e a construção da identidade docente da professora entrevistada.

As marcas históricas do árduo processo de inserção da mulher no mercado de trabalho estão relacionadas diretamente com o processo de feminização do magistério, formando um corpo docente majoritariamente feminino. Em contrapartida, o histórico da Educação Física se apresenta masculinizado a partir das práticas de Ginástica e do processo de esportivização, reverberando no corpo docente majoritariamente masculino, conforme destacado pela entrevistada, desde o tempo em que era aluna da Educação Básica até a sua atuação enquanto professora deste componente curricular.

Nesse sentido, constata-se que a identidade docente da entrevistada foi sendo construída a partir de anseios pessoais e profissionais, a partir de suas vivências, com foco na superação de obstáculos que surgiram e surgem ao longo da sua carreira docente, podendo observar que a sua constante adaptação e preocupação com a inclusão fazem parte deste processo. Outro aspecto importante que pôde ser observado foi a sua afinidade com a Dança que se apresentou como um fator fundamental para a sua escolha profissional e a construção da sua identidade docente.

Ademais, os resultados apontaram que os ciclos e fases interferem no desenvolvimento profissional em relação a carreira docente, de modo, que a trajetória profissional se faz a partir de vivências que possuem fatores que influenciam direta ou indiretamente neste processo. A importância da Educação Física Escolar perpassa do simples ensinar e aprender da Cultura Corporal como seu objeto de conhecimento, mas, possui relevância quando podemos observar a possibilidade de a partir de práticas pedagógicas dentro da disciplina problematizar processos históricos e suas representações presentes no contexto escolar, além, de construir valores no âmbito profissional.

A trajetória de inserção das mulheres na Educação Física foi marcada por um processo de proibições que apesar das conquistas podem ser reproduzidas ainda hoje e que a própria escolha profissional podem ser reflexos disso. Observando o processo de feminização do magistério e o histórico da Educação Física, onde um se opõe ao outro em relação a composição do corpo docente, é importante que haja a desconstrução de estereótipos que hierarquizam um gênero sobre o outro e salientar que competência profissional independe da composição sexual.

Desta forma, conclui-se que apesar dos avanços no que tange uma maior democratização na ocupação de espaços que antes eram majoritariamente masculinos, a desigualdade de gênero ainda existe em vários âmbitos. Porquanto, isso requer a realização de novos estudos que se debrucem sobre a referida temática, evidenciado, dentre outras coisas, os avanços nas lutas femininas e a sua respectiva representatividade em diferentes áreas de atuação, com a desconstrução de estereótipos anacrônicos de masculinidade e/ou feminilidade. Afinal, lugar de mulher é onde ela quiser.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. **Educação física escolar: relações de gênero em jogo**. Cortez Editora, 2015.

ASSIS, M. D. P. de; MARQUES, D. A. P.; ROBLE, O. J.; SARAIVA, M. do C. FEMINILIDADES E MASCULINIDADES NA CENA CONTEMPORÂNEA: ANÁLISE DO ESPETÁCULO CAMINHO DA SEDA – RAÇA CIA DE DANÇA DE SÃO PAULO. **Movimento**, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 449–461, 2015. DOI: 10.22456/1982-8918.47882. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/47882>. Acesso em: 25 out. 2022.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.

BELEI, Renata Aparecida et al. O uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa. **Cadernos de educação**, v. 30, n. 1, p. 187-199, 2008.

BORDIEU, Pierre. A dominação Masculina. 2. Ed. Rio de Janeiro. **Bertrand Brasil**, 2002. 160 p.

CARDOSO, F. L.; SILVEIRA, R. A.; ZEQUINÃO, M. A.; MARTINS, C.; SOUZA, C. A. AUTO-PERCEPÇÃO CORPORAL E PREFERÊNCIAS MOTORAS DE PRATICANTES DE DANÇA. **Movimento**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 97–112, 2009. DOI: 10.22456/1982-8918.9955. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/9955>. Acesso em: 25 out. 2022.

CORSINO, Luciano Nascimento. Educação física escolar e relações de gênero: entre desigualdades e silenciamentos. **SEMINÁRIO DE METODOLOGIA DE ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA USP–SEMEF**, v. 4.

DE GOIS TINOCO, Rafael et al. RESENHA DO LIVRO GÊNERO, MASCULINIDADES E DIVERSIDADE: EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE E IDENTIDADES MASCULINAS. **Movimento**, v. 22, n. 2, p. 671-676, 2016.

DORNELAS, B. G. O.; PORTO, J. H. A. O processo de feminização no magistério brasileiro. In: XII CONAGES - XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES, 2016, Campina Grande. **Anais...** Campina Grande: Realize Eventos, 2016. p. 1-7.

ESPÍNDOLA, G. A Trajetória do poder da mulher: do lar ao mercado de trabalho. **Disponível em:** <<https://pt.slideshare.net/eudelucy/a-trajetria-do-poder-da-mulher-do-lar-ao-mercado-de-trabalho>>. Acesso em: 22 ago. 2018.

FAHT, Beatriz Hering et al. Fatores que influenciam a escolha profissional do jovem universitário e sua visão a respeito da orientação profissional. 2011.

FERRARI, Rosana. O empoderamento da mulher. **www.fap.sc.gov.br/noticias/empoderamento. pdf. Acesso em,** v. 21, p. 11-19, 2016.

GARIGLIO, J. A. SINGULARIDADES DA INSERÇÃO PROFISSIONAL DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA INICIANTES. **Movimento**, [S. l.], v. 23, n. 3, p. 1001–1012, 2017. DOI: 10.22456/1982-8918.71967. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/71967>. Acesso em: 26 out. 2022.

GATTI *et al.* A atratividade da carreira docente no Brasil. **Estudos e pesquisas educacionais.** Relatório final de pesquisa. Fundação Carlos Chagas/Fundação Victor Civita, 2009.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 171-196, 2007.

GOMES, Cândido Alberto. **Dos valores proclamados aos valores vividos.** Brasília: Unesco, 2001.

GRINGS, Jacques Andre; JUNG, Carlos Fernando. Fatores que influenciam na escolha profissional e a importância da orientação vocacional e ocupacional. **Revista Espacios**, v. 38, n. 15, p. 1-22, 2017.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Brasileiro de 2010. **Rio de Janeiro:** IBGE, 2012.

LINHARES, Leila; LAVINAS, Lena. Mulheres e trabalho: lei e mercado. **Revista Proposta**, n. 72, p. 52-61, 1997.

MELNIKOFF, Ricardo André Aires; MELNIKOFF, Elaine Almeida Aires. Professora, professorinha primeira profissão que legitima a mulher do século XIX. In: IV CONGRESSO SERGIPANO DE HISTÓRIA & IV ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH/SE O CINQUENTENÁRIO DO GOLPE DE 64, 2014, Aracaju; **Anais...** Aracaju, Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, 2014. P 1-13.

MORAES, Alan; LOMBARDI, Gisele; HAHN, Ivanete Schneider. ALTMANN, Helena. Educação física escolar: relações de gênero em jogo. São Paulo: Cortez, 2015. 176 p.(Coleção Educação & Saúde, v. 11). **Caderno Espaço Feminino**, v. 30, n. 1.

NICOLINO, Aline Silva; PARAÍSO, Marlucy Alves. Escolarização da sexualidade: o silêncio como prática pedagógica da educação física. **Movimento** (ESEFID/UFRGS), v. 24, n. 1, p. 93-106, 2018.

OLIVEIRA, P. P. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: UFMG; 2004.

PEREIRA, Rosangela Saldanha; SANTOS, Danielle Almeida dos; BORGES, Waleska. A mulher no mercado de trabalho. **Acesso em** 18 de outubro de 2022, v. 13, 2005.

PINTO, José Augusto Rodrigues. Empregabilidade da mulher no mercado atual de trabalho. 2o Congresso Internacional Sobre a Mulher, Gênero e Relações de Trabalho, **Goiânia, 20 a 22 de agosto de 2007**.

PRADEL, Claudia; DÁU, Jorge Alberto Torreão. Educação para valores e as políticas públicas educacionais. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação [online]. 2009, v. 17, n. 64 [Acessado 27 Outubro 2022] , pp. 521-548. **Disponível em:** <<https://doi.org/10.1590/S0104-40362009000300007>>.

PROBST (2012), Renata Elisiana. A evolução da mulher no mercado de trabalho. Instituto Catarinense de Pós-Graduação-ICPG. Gestão e Estratégia de Recursos Humanos. **Disponível em:** <<http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev02-05.pdf>> Acesso em 21 maio 2012.

RABELO, Amanda O. O gênero e a profissão docente: impactos na memória das normalistas. **Revista Ártemis**, v. 6, 2007.

RIBEIRO, R. M.; DE JESUS, R. S. A inserção da mulher no mercado de trabalho no Brasil. *Revista de Ciências Humanas, [S. l.]*, v. 1, n. 1, 2018. **Disponível em:** <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/1366>. Acesso em: 22 out. 2021.

RODRIGUES, William Costa et al. Metodologia científica. Faetec/IST. **Paracambi**, p. 2-20, 2007.

ROSA, Roberta Vidica Marques da. Feminização do magistério: representações e espaço docente. **Revista Pandora Brasil** - Edição especial No 4 - "Cultura e materialidade escolar" – 2011.

SCHLICKMANN, Eugênia; PIZARRO, Daniella. A evolução da mulher no trabalho: uma abordagem a ótica da liderança. **REVISTA BORGES**. ISSN 2179-4308, VOL. 03, N. 01, julho de 2013.

SERPA, Nara Cavalcante. A inserção e a discriminação da mulher no mercado de trabalho: questão de gênero. In : SEMINÁRIO FAZENDO GÊNERO 9: DIÁSPORAS, DIVERSIDADES, DESLOCAMENTOS, 2010, Santa Catarina. **Anais...** Santa Catarina: Fazendo Gênero, 2010. p. 1-21.

TANI, Go. Educação Física e Esporte no Ensino de Terceiro grau: Uma abordagem desenvolvimentista. In: PASSOS, Solange C. E. (org.). **Educação Física e Esporte na Universidade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Física e Desportos, 1988.

VIANNA, Claudia Pereira. A feminização do magistério na educação básica e os desafios para a prática e a identidade coletiva docente. In: YANNOULAS, Silvia Cristina (Org.). **Trabalhadoras: análise da feminização das profissões e ocupações**. Brasília, DF: Abaré, 2013. p. 159-180. **Disponível em:** < <http://www.producao.usp.br/handle/BDPI/44242>> acesso em 14 de agosto de 2020.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**. Bookman editora, 2005.

APÊNDICES

APÊNDICE A- Carta de Anuência

Declaramos para os devidos fins, que aceitamos a realização do projeto **“RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA: COMPREENDENDO O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA FEMININA”** pela pesquisadora Millena Silva Ramos, nesta Instituição, sob responsabilidade do professor orientador Adriano Lopes de Souza.

Esta autorização está condicionada ao cumprimento dos requisitos estabelecidos pela Resolução 466/12 e suas complementares.

Antes do início da coleta dos dados o (a) pesquisador (a) responsável deverá apresentar a esta Instituição o Parecer Consubstanciado devidamente aprovado, emitido por Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos, credenciado ao Sistema CEP/CONEP.

Tocantinópolis, em 21 / 09 / 2021.

Heliciana Maria Rodrigues da Silva

Nome/assinatura e carimbo do responsável pela Instituição

Autorização de realização e assunção da co-responsabilidade

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido UFT (2016)

Convidamos o(a) Sr(a) a participar da Pesquisa **RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA: COMPREENDENDO O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA FEMININA**, sob a responsabilidade do pesquisador Millena Silva Ramos, a qual pretende compreender o processo de construção da docência feminina na Educação Física escolar.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de respostas simples a um questionário de perguntas mistas que discutem o tema referente à pesquisa onde está inclusa uma pergunta para sua participação em uma entrevista com a pesquisadora. Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento você não precisa realizá-lo

Se você aceitar participar, estará contribuindo para compreendermos o processo de construção da docência feminina na Educação Física escolar.

A possibilidade desta pesquisa causar-lhe algum constrangimento ou desconforto pessoal são mínimos. Caso você venha a sentir algo dentro desses padrões, comunique a pesquisadora para que sejam tomadas as devidas providencias como suspensão parcial ou total das perguntas. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você terá direito a indenização.

A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios. Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para obtenção de qualquer tipo de informação sobre os seus dados, esclarecimentos, ou críticas, em qualquer fase do estudo, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador responsável no endereço Avenida Nossa Senhora de Fátima, 1588, Centro CEP: 77900-000, ou pelo telefone (63) 3471-6009.)

Em caso de dúvidas ou desavença com o pesquisador o(a) Sr (a) pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Tocantins (CEP-UFT: Quadra 109 Norte, Avenida NS 15, ALCNO 14, Plano Diretor Norte, Campus Universitário de Palmas, Prédio do Almoxarifado, CEP: 77.001-

APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA (ESBOÇO)

- A entrevista será realizada no dia **26 de janeiro de 2022** a partir das **19h30** por meio de ferramentas virtuais. A pesquisadora fará uma chamada via Google Meet com a entrevistada, na qual, será uma entrevista que terá previsão para durar no máximo uma hora e meia.
- Antes da entrevista iniciar, a mesma será gravada com a permissão da entrevistada, para assim ficar registrada como meio de pesquisa. E a mesma, logo após o término será transcrita para o trabalho, para assim, construir as análises e considerações acerca da mesma.
- As perguntas serão relacionadas ao objetivo do trabalho e aos resultados obtidos dos artigos utilizados para esta pesquisa:
 - a) Mapear a quantidade de professoras formadas em Educação Física atuando no contexto escolar tocantinopolino;
 - b) Conhecer como se dá a escolha da mulher pela docência em Educação Física;
 - c) Analisar como que a mulher se percebe enquanto professora de Educação física escolar;
 - d) Descrever os possíveis desafios enfrentados pela professora de Educação Física neste espaço;
 - e) Refletir acerca do papel da professora desta disciplina enquanto referência valorativa para os alunos.
- Antes de iniciar com as perguntas da entrevista, a pesquisadora irá conversar com a entrevistada sobre a pesquisa, afim de dar uma breve introdução.

ENTREVISTA

- 1. HÁ QUANTO TEMPO VOCÊ ATUA COMO PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA?**
- 2. DURANTE A EDUCAÇÃO BÁSICA QUANTAS PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA VOCÊ TEVE?**
- 3. POR QUÊ VOCÊ ESCOLHEU SER PROFESSORA COMO SUA PROFISSÃO E POR QUÊ EDUCAÇÃO FÍSICA?**
- 4. COMO MULHER VOCÊ ENCONTROU DIFICULDADES DE ATUAR COMO DOCENTE DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA? COMO SE DEU TAL PROCESSO?**
- 5. MERCADO DE TRABALHO E INSERÇÃO DA MULHER;**
- 6. FEMINIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR;**
- 7. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E DOMINAÇÃO MASCULINA, (DO PONTO DE VISTA PESSOAL A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR É ESPORTIVIZADA ATUALMENTE E ATÉ QUE PONTO ISSO CONTRIBUI POSITIVAMENTE?)**
- 8. COMO VOCÊ SE PERCEBE ENQUANTO PROFESSORA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR?**
- 9. SER PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR A TROUXE E/OU ACRESCENTOU VALORES PROFISSIONAIS?**